BREVES CONSIDERAÇÕES DE UM TEATRÓLOGO SOBRE A **COMÉDIA ANGÉLICA.**

EDUARDO CAMPOS

Trago, para diante de vós, breve análise da **Comédia Angélica,** daquele a quem hoje, por merecimento inquestionável, rendemos justas atenções. Esse **drama edênico,** ao dizer de Braga Montenegro, que lhe achegou considerações bastante lúcidas, ainda a seu pensar está próximo do teatro vicentino "quanto à expressão", designação que, a certa liberalidade, agora traduzimos como forma vocabular, capaz de caracteristicamente identificar o modo de se comunicar daquele que, com justiça, Marques Braga denominou "um dos gigantes literários do século XVI". (1)

O juízo crítico, desse modo expendido, e empalmado por outros apreciadores da obra de José Albano, o inefável poeta das **RIMAS,** não se nos afigura aceitável. E é sob tal contestação, **data vênia,** que percorremos todo o lirismo da **Comédia Angélica,** certos de ir encontrando, a cada passo, grandezas de um e de outro autor, avaliáveis por suas inspirações próprias e estilos. Em Gil Vicente a palavra, ainda que movida a sopro de sentimentos poéticos, está sempre a nos conduzir para a ação de drama que se percebe mesmo posto em livro. Naqueles momentos de aproveitamento do tema teológico de que resultou o "Auto da História de Deus", de igual modo, até certo ponto motivo inspirador da **Comédia Angélica,** tem-se do primeiro a linguagem desenvolvida para movimentar personagens, e do segundo o vocabulário comedido de quem pretendeu

dimensionar o seu relacionamento mistico e lírico diretamente com o leitor.

No autor vicentino, a que nos referimos, o verso quer outra emoção; a que só se completará no palco sob o congresso de circunstâncias especiais. Assim se dá quando Lúcifer, "o maioral do Inferno", toma por seu embaixador de maldade a Satanaz, e fá-lo ir, objetivamente, provocar a honorabilidade da primeira privilegiada inquilina do Paraíso.

"Vae-te a Eva, porque he mulher,
E dize que coma, não haja temor
E, como avisado,
Lhe falla cortez e mui repousado,
Mostrando-te alegre com todo seu bem,
E seu muito amigo maior que ninguém;
Mente-lhe largo, e dá-lhe o cuidado
Que agora não tem."

Não se flagra assim apenas um execrável plano de tentação, mas toda a falaz orientação de como o embuste deverá ser concebido e executado; tudo apropriado ao crime, ao urdimento da má ação, com a sugestão dos ingredientes indispensáveis para o sequenciamento dramático.

Já o Lúcifer de José Albano, não obstante proclamar-se mau, é como alguém que, a um repente, nos confidencia sentimentos ásperos mas inesperadamente atenuados pela beleza vocabular:

"Pelejarei co'aqueles que pelejam,
Embora todos contra mim estejam,
E nunca aos pés me curvo da criança,
Que no regaço da mulher descansa.
Nasci anjo e esquecer-me nunca posso
Da alta excelência e do alto estado nosso:
Mais vale (e o pensamento não me engana)
A angélica substância do que a humana."

A linguagem do drama, aquela **linguagem especial**, ao entender de Gino Saviotti, em seu "Paradoxo Sobre o Teatro"(2), que torna o texto do drama diferente do da literatura — por "uma maneira particular de expressão estética" —, jamais se dispersa no auto vicentino. A desdita de Eva, conscientizada do pecado cometido, alcança a mesma força da tragédia de Jocasta na inspiração de Sófocles:

"...Vós bem ouvistes
O que me disse o Senhor dos Senhores:
Que eu pariria com mortaes dolores,
A mais desterrada na terra dos tristes.
Oh! Triste de mi!"

Talvez fosse o mais acertado esperarmos de José Albano a apresentação de sua Eva igualmente sucumbida à tentação da Serpente, na formal referência bíblica desse acontecimento, e, diante do irrevogável, flagelar-se ao sofrimento do pecado original. Mas será necessário contar com os imprevistos deste árcade fantasiado, no referir de Agripino Grieco, "atacado de sonambulismo histórico"(3), e de alucinações de lirismo teológico, conduzindo o **Coro**, até o leitor, numa exteriorização realmente paradisíaca da alegria do primeiro grande amor da humanidade, surgente sob a irrepreensível penalização divina.

"Ó glorioso dia, hora e momento,
Quando entre violetas e boninas
A mulher apareceu ao lado do homem.
No verde prado e no cerúleo assento
Não há flores mais frescas e mais finas
Nem astros que mais docemente assomem.
Os tempos não consomem
O etéreo gozo que nasceu com ela,
Nem o pudor constante
Que às vezes se revela

No súbito rubor do almo semblante.
E em nenhuma outra parte se depara
Coisa mais linda e pura
Que a formosura — milagrosa e rara."

"A luz do sol lhe beija os olhos belos
E o chão que sustenta a peso brando,
Disto mais alegria ainda sente.
Co'os leves e longuíssimos cabelos
O vento brinca e o rio, murmurando,
Lhe dá pérolas claras da corrente.
Porém mais fortemente
Que fogo, terra, ar e água Adão sublime
Guarda no seio o afeto
Que entende e não exprime,
Tanto é sacro, inefável e secreto.
E mais ainda faz que ele se enleve
Cada rosa que nasce
Na lisa face — entre jasmins de neve.

Ei-los que se olham e já d'onda em onda
Soa dos ternos peitos o segredo,
Ei-lo que chega, ela, porém, se esquiva;
Ei-lo que espera em vão que ela responda,
E pára quase, mas um riso ledo
Faz que o contentamento lhe reviva.
Então de fugitiva
Ela se torna mais mimosa e mansa
E assim, mole e benigna,
Enlanguesce e descansa
E a amar e a ser amada se resigna.
E, como em braços do álamo a videira,
Eva com Adão forte
Beija o consorte, — meiga e lisonjeira.

Ó ditoso himeneu, ó novo encanto
Que une dous corações num só desejo

E simultaneamente acende e acalma.
Ó momento d'amor suave e santo
E mais que todos grato e benfazejo,
Cuja eterna lembrança fica na alma.
A viridente palma
Dê sombra em horas plácidas e amenas
E deste campo infindo
Brotem mil açucenas
E do alto venham mil jasmins caindo.
E, ou seja em verde vale ou verde outeiro,
Cantem as flores todas
As castas bodas — do casal primeiro."

Nessa moldura centelhada de amenidades, onde o ecúmeno se transmuda em jardim eternamente enflorado, aquele mediúnico Gabriel, anjo capaz de interpretar visões, ditoso mensageiro que revelou à Santíssima Virgem Maria a significação do mistério da Encarnação, vem introduzir-se para referendar, em ato de intemporalidade imprevisível, a boa nova que alenta o homem para peticionar sua salvação.

"Anjos que celebrais as graças d'Eva,
Olhai, que outra mais clara luz se eleva.
E como, quando na celeste altura
Renasce a roxa aurora em noute escura,
A prateada lua afugentando
Co'as estrelas que a vão seguindo em bando:
Em toda parte há cantadoras aves,
Em toda parte zéfiros suaves
Aromas e fragrâncias fugidias,
Risos, prazeres, gozos e alegrias:
Assim ordena Deus que se levante
A imagem de MARIA radiante."

E logo mais, a não deixar dúvida de quanto pode a licença poética a que se permite José Albano, vem o **Coro** consagrar o fruto do grande e "ditoso himeneu":

A que há de ser Esposa, Mãe e Filha,
"Já nos serenos horizontes brilha
Pinta-se a etérea casa luminosa
D'ouro, d'azul, de púrpura e de rosa
E sobre nuvens mil de branca neve,
Tão sublime que a pluma a não descreve,
Surge a Flor de Judá formosa e insigne
A quem o arcanjo pede que se digne
De salvar a Israel, e eis se revela
O menino JESUS nos braços d'Ela."

Longa, naturalmente, a descrição que acabo de vos fazer, mas perdoável, de certo, pela beleza do criador de tão excelentes versos, surpreendentes na simbologia do "anúncio da criação de Eva e do nascimento de Maria, cujas prerrogativas são antecipadas numa visão do futuro", conforme exposição erudita de Braga Montenegro.(4)

Mas, como e onde conciliar José Albano com Gil Vicente?

Vieira de Almeida(5), ao prefaciar, anotando, o **Auto chamado dos Enfatriões**, de Camões, considerou poder "arriscar-se a hipótese de que o espírito de Camões, mais subtil e especulativo do que plástico, se interessa menos pelas qualidades de cena de conflito de personagens (que é essencialmente conflito de caracteres e situações) do que pela exploração arguta de recessos da sensibilidade e sua explicação psicológica ou metafísica, de que nos deixou exemplos admiráveis..."

Não importa tenham outros, ao grande poeta da lingua portuguesa, à conta de objetivo, apaixonado pela realidade, circunstância admitida também por Vieira de Almeida.

De verdade, a nosso ver, admitidas ambas as interpretações, e pondo José Albano, à prova, ao lado de Camões, no que tange à habilidade teatral, ver-se-á que o segundo quando incidiu na arte cênica o fez despojado do lirismo que tanto o engrandeceu aos nossos olhos, tomando para si linguagem mais afeita à movimentação de personagens e emoções, en-

quanto o primeiro só em raríssimos momentos deixa de ser o dadivoso lírico de nossa admiração.

Pode-se dizer que Camões tem linguagem mais próxima daquela utilizada por Gil Vicente, como nesta mostra que se me dá vos oferecer, quando Almena, "saudosa do marido que é na guerra", diz:

"Ah, senhor Anfatrião,
onde está todo meu bem!
Pois meus olhos não vos vem,
falarei co'o coração
que dentro nalma vos tem."(5)

Não está aí, a toda certeza, a forma dulçurosa de exprimir-se o poeta, como aos versos em heptâmetros de "A umas suspeitas":

"Suspeitas, que me quereis?
Que eu vos quero dar lugar
Que, de certas, me mateis,
Se a causa de que nasceis
Vos quisesse confessar.
Que de não lhe achar desculpa
A grande mágoa passada
Me tem a alma tão cansada,
Que, se me confessa a culpa,
Tê-la-ei por desculpada."(6)

O mesmo, no entanto, não se dá com o poeta José Albano. Ele traz, quer à "Loa para a Comédia Angélica", quer para a própria Comédia, toda a sua maneira lírica de nos comunicar sentimentos. Faz com que aquele Miguel, anjo estafeta de Deus, conhecido por "grande chefe" e alcunhado de "Arcanjo", vá dirigir-se a Adão, mandando-o erguer os olhos ao "céu cerúleo", porque lá é que está "a pátria santa", e mais:

"... à morada estelífera e secreta
onde todo desejo se aquieta."

Convida-nos Agripino Grieco à releitura dos muito nobres decassílabos, por ele assim argüídos, que estão a certo momento de maior sublimidade da **Comédia**:

"Vaso argênteo d'amor, donde o jucundo
Aroma se derrama pelo mundo,
Donde nascem virgíneas açucenas
Olorosas, melíficas e amenas,
Os zéfiros fagueiros e perfumando
Co'o eflúvio mais sutil, mas leve e brando."

Este poeta de verdade, grande descobridor de analogias poéticas e não menos belo descobridor de símbolos, como o contemplaria entusiasmado Agripino Grieco, quanto mais próximo de Camões, que o arrebatou na inspiração e afeição mais distante se faz de Gil Vicente, no qual o imperativo do drama está acima da concessão a que se permitem às suas próprias almas, os grandes líricos.

E para terminar, dou-vos mais uma prova do lirismo do grande poeta que hoje festejamos, o seu IV soneto, pouco divulgado, e melhor dito, pouco enaltecido, mas que a mim me cala fundo ao coração:

"Mata-me, puro Amor, mas docemente.
Para que eu sinta as dores que sentiste
Naquele dia tenebroso e triste
De suplício implacável e inclemente.

Faze que a dura pena me atormente
E de todo me vença e me conquiste,
Que o peito saudoso não resiste
E o coração cansado já consente.

E como te amei sempre e sempre te amo,
Deixa-me agora padecer contigo
E depois alcançar o eterno ramo.

E, abrindo as asas para o etéreo abrigo,
Divino Amor, escuta que eu te chamo,
Divino Amor, espera que eu te sigo."

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

1. BRAGA, Marques — **Actividade Dramática de Gil Vicente,** Lisboa, Cosmos, 1941.

2. SAVIOTTI, Gino — **Paradoqo Sobre o Teatro.** Lisboa, Editora Argo, 1944.

3. GRIECO, Agrippino — **São Francisco de Assis e a Poesia Cristã.** Rio de Janeiro, Olympio — 1950.

4. ALBANO, José — **Rimas.** Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1966.

5. CAMÕES, Luiz Vaz de — **Auto Chamado dos Enfatriões,** com prefácio e notas de Vieira de Almeida, Editorial Império, Lisboa, 1942.

6. CAMÕES, Luiz Va de — **Lírica.** São Paulo, Editora Cultrix, 1963.